

A FORMAÇÃO DA SEMÂNTICA ESTRUTURAL DE GREIMAS

Paulo Henrique do Espírito Santo NESTOR¹; Sebastião Elias MILANI²

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Semântica; Greimas.

INTRODUÇÃO

De acordo com a perspectiva da Historiografia Linguística (doravante, HL), a Linguística, como as outras ciências, possui uma história, constituída por pesquisadores, teorias e eventos. Essa história pode ser objeto de estudo, desde que exista uma base metodológica definida que permita realizar uma reconstituição descritiva e narrativa de conceitos e eventos no respectivo campo de pesquisas.

Fundamentado nessa diretriz, este trabalho estabelece uma síntese historiográfico-linguística em que são expostos os liames históricos e científicos que propiciaram a Greimas a elaboração da obra *Semântica estrutural* (1973 [1966]). Essa é a obra fundadora da Semiótica francesa, portanto, é marcadamente um discurso de ruptura, instaurado sobre uma continuidade em que se destacam as ideias de Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev e Vladimir Propp.

MATERIAL E MÉTODO

Este trabalho apresenta os contornos que a abordagem historiográfico-linguística implica, ou seja, visa a tratar de obras e eventos na esfera dos estudos da linguagem. É de seu interesse entender e elucidar como o conhecimento acerca da linguagem se desenvolveu através dos tempos. Seu objeto, quase sempre, é encontrado nos textos escritos, portanto, é desse suporte que a HL, fundamentalmente, depende. Assim, são seguidos os passos de um “estudo de documentos” (KETELE; ROEGIERS, 1995, p. 35-37). A natureza comum dos documentos estudados é a de que são publicados: livros, periódicos, revistas científicas, artigos, ensaios, dicionários, manuais, etc.

Nesse processo, formulam-se as questões de pesquisa lendo-se sobre o assunto. A quantidade de documentos estudados foi determinada por seleção,

¹ Mestrando (bolsista UFG) do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: p.paulohn@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: sebaselias37@hotmail.com

voltando-se à literatura científica relativa ao objeto de estudo (*op. cit.*). Essa literatura é referente à Linguística, à História, à Filosofia, etc., já que a interdisciplinaridade está presente de forma bastante evidente na HL. Seu caráter complexo e abrangente deve-se, em boa parte, a essa característica.

A HL propõe como princípios metodológicos (KOERNER, 1996): a *contextualização*, que diz respeito ao levantamento do clima de opinião da época em que a obra foi produzida, tendo como objetivo retomar o passado e caracterizá-lo, o mais aproximado possível, à forma como ele se encontrava na época de sua elaboração; a *imanência*, que consiste no levantamento de informações e no entendimento amplo da obra, tanto no que se refere às concepções linguísticas, quanto às manifestações históricas e culturais nela registradas; e a *adequação*, que diz respeito à possibilidade de aproximar a obra às teorias e terminologias atuais, a fim de que os contemporâneos possam compreendê-la de forma mais clara. A esses princípios podem ser acrescentados os apontamentos de Swiggers:

La descripción historiográfica se basa en la constitución de un corpus (la extensión del corpus puede ir desde una obra particular, del conjunto de la producción de un solo autor, a un abanico más o menos extendido de textos, en relación con una delimitación – geográfica, histórica y/o temática – del objeto de estudio) (SWIGGERS, 2009, p. 68).

A partir dos pressupostos da HL, têm-se o interesse de identificar e expor como Greimas, mantendo frequentes diálogos com os estudiosos de sua época e lendo obras de antecessores e contemporâneos, interpretou o respectivo clima de opinião vigente e o refratou na *Semântica estrutural*.

De acordo com o que foi mencionado, pode-se perceber que essa pesquisa é de natureza qualitativa. Isso quer dizer que ela promove um estudo sistemático de materiais bibliográficos, trabalhando com objetos não quantificáveis, por isso, em vez dos instrumentos formais e estruturados, são usados questionamentos na produção de informações, com o intuito de captar o objeto em sua extensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Semântica propiciou muitas controvérsias no âmago dos estudos linguísticos. Uma das mais conhecidas é a referente ao linguista dinamarquês Louis

Hjelmslev (1991[1957]) e ao estado-unidense Leonard Bloomfield (1935). Enquanto o primeiro acreditava ser cientificamente legítima a tentativa de estudo da significação, recorrendo aos princípios estruturalistas, o segundo considerava o sentido como algo hermético, cujo estudo era inviável.

Distante, espacialmente, desses dois linguistas, estava Algirdas Julien Greimas (1917-1992), linguista lituano que se inscreveu na história dos estudos da linguagem devido a sua extensa obra sobre Semântica, Lexicologia, Semiótica, Mitologia, etc. Durante a década de 1960, período culminante do estruturalismo na França (cf. DOSSE, 1993), tornou-se um dos maiores representantes dessa vertente.

Ele percebeu que os estudos semânticos surgiram tardiamente no cenário da Linguística. Pois, sabe-se que Michel Bréal fundou e nomeou a disciplina Semântica na França apenas no final do século XIX. Esse autor fizera nessa época estudos importantes, como os voltados à polissemia. Contudo, essa vertente motivou os pesquisadores muito menos que as referentes à Fonologia, à Sintaxe, etc.

Nem mesmo no trabalho de Ferdinand de Saussure (1973 [1916]) há um tratamento específico sobre o assunto. A perspectiva diacrônica de Bréal contrastou com o direcionamento sincrônico preconizado por Saussure anos depois. Restava, então, ocupar-se da disciplina instaurada por Bréal a partir da diretriz saussuriana, foi o que se buscou fazer na Semântica estrutural.

Essa área diz respeito à teoria do significado desenvolvida, principalmente, na França, e têm como fundamentos ideias oriundas da fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, juntamente com as da linguística de Ferdinand de Saussure e de Louis Hjelmslev. Por ser sincrônica, diferenciou-se da Semântica diacrônica de Bréal.

Mesmo que se saiba de antecessores que anunciaram perspectivas similares (HJELMSLEV, 1991 [1957], etc.), foi na década de 1960, a partir, principalmente, das obras de Bernard Pottier e Greimas que, efetivamente, surgiu a Semântica estrutural como disciplina, com seus conceitos e seu método. Enquanto Pottier se voltou, principalmente, para os estudos gramaticais, nos limites da frase, Greimas partiu do texto em sua maior abrangência encaminhando-se para a Semiótica.

A obra de Greimas se sustenta em três grandes pilares. O primeiro diz respeito a Saussure, responsável pelo surgimento da Linguística. Dele, Greimas acolheu a ideia de que a significação ocorre através das diferenças percebidas e, não somente, das analogias observadas. O segundo refere-se a Hjelmslev, responsável por esclarecer que a semiose existe graças a dois planos, o do conteúdo e o da expressão, e que ambos possuem forma e substância. Essa divisão permitiu que Greimas visse claramente um espaço propício ao estudo da significação: a forma do conteúdo. Enfim, o terceiro diz respeito a Propp. Seu trabalho sobre os contos maravilhosos evidenciou para Greimas que a narrativa, ainda que se manifeste com conteúdos singulares, possui formas fixas reiteráveis, o que possibilitou pensar no estudo sistemático do texto.

CONCLUSÃO

O empreendimento de Greimas é justificado em razão da constatação de que, em seu período, as pesquisas sobre Semântica nunca ocuparam o merecido lugar no âmbito dos estudos tradicionais de língua e linguagem. Isso viabilizou que o estudo da significação fosse feito de modo parcial e indireto e, assim, não foi possível configurar um espaço próprio e adequado à Semântica. Contudo, essas tentativas parciais e indiretas, quando apresentaram pertinência (Saussure, Hjelmslev, Propp), puderam fazer com que Greimas, propriamente, pudesse configurar o respectivo espaço para a Semântica e, posteriormente, para a Semiótica.

REFERÊNCIAS

BLOOMFIELD, L. *Language*. Thirteenth impression [1976]. London: George Allen & Unwin, 1933.

DOSSE, F. *História do estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: Edusp. 1973.

_____. *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse, 1966.

HJELMSLEV, L. Por uma semântica estrutural. In: _____. *Ensaio lingüísticos*.

Tradução de A. de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991[1957]. p. 111-127.

KETELE; ROEGIERS. Aspectos generales de la recogida de información. In: _____ . *Metodología para la recogida de información*. Tradução de F. López Rupérez. Madrid: La Muralla, 1995. p. 11-42.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, pp. 45-70, 1996.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de Historiografía Lingüística*. v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar>>. Acesso em: 10 jul. 2009.